

A CONSTITUIÇÃO DA REALIDADE EM PROCLO.

Suelen Pereira da Cunha

Universidade Estadual do Ceará

Introdução

O período medieval (séc. V – XV d.C.) foi marcado por conflitos político-religiosos, de modo que já no séc. V, a religião pagã, assim como o desenvolvimento de sua reflexão, sofria ataques oriundos das disputas pelo poder político e ideológico. A busca pela manutenção do poder, por parte do Império Romano, culminou no decreto de Justiniano¹ em 529 d. C. Tal decreto proibia qualquer um que não fosse cristão, de exercer cargo significativo e, principalmente, ordenava o fechamento de todos os centros de estudo pagãos². Todavia, ainda que os cristãos tenham dominado por um largo período de tempo, o medievo não pode ser resumido somente ao Império Romano e Bizantino. Nesta perspectiva, se pode dizer que este período foi um dos mais ricos em diversidade de pensamento, haja vista que, além do

¹ O decreto de Justiniano declarava: “Ninguém que tenha sido contagiado por tais heresias poderá desempenhar grau no exército ou exercer ofícios públicos, nem, na condição de professor que se ocupe de alguma disciplina (...) Proibimos que seja ensinada qualquer doutrina da parte daqueles que são afetados pela insânia dos ímpios pagãos.” (REALE. 2008, p. 206-208). Tal decreto afetou profundamente as escolas de cunho pagão. Foi com ele que a escola de Atenas foi fechada, levando alguns pensadores da Academia, como Simplicio (490 – 560 d.C.) e Damascius (458 – 533 d.C) a fugirem para Pérsia. A fim de dar continuidade aos estudos, permaneceram por volta de 531/532 na corte de Khusrav I, pois o rei da Pérsia se mostrava simpatizante do pensamento grego. Só retornaram ao Ocidente em 533, quando foi assinado o “tratado de paz eterna” entre os persas e os bizantinos. Sobre a fuga dos pensadores pagãos para a Pérsia, ver: SILVA, Francisca Galiléia da. *AFLATUN: Trajetória e características de Platão na filosofia árabe*. p. 62-74.

² Sobre os conflitos do Império Romano, Ver: GIBBON. Edward. *Declínio e queda do Império Romano*.

pensamento grego e cristão, ser possível encontrar uma filosofia desenvolvida pelos árabes e judeus.

Muitas correntes de pensamento do medievo sofreram influências de pelo menos três filósofos da antiguidade: Platão, Aristóteles e Plotino. Plotino foi um dos mais conhecidos e importantes difusores do neoplatonismo pagão, ainda que não tenha sido o seu fundador³. Ele influenciou fortemente a filosofia dos cristãos, judeus e árabes com sua doutrina do Uno como princípio originário de toda a realidade. O neoplatonismo é uma corrente importante porque nela se tem uma tentativa de conciliar as doutrinas platônica, pitagórica e aristotélica⁴. O grande nome do neoplatonismo pós-plotiniano de cunho pagão é, sem dúvidas, o de Proclo, que foi o último pensador de grande renome da antiguidade tardia. Proclo, também conhecido por *O Sucessor platônico*, influenciou de modo significativo o pensamento medieval, o que pode ser verificado por meio da filosofia de Dionísio Pseudo-Areopagita e do Livro das Causas, tido por Tomás de Aquino como uma versão árabe dos *Elementos de Teologia* de Proclo⁵.

Dada a importância do neoplatonismo e, mas especificamente, de Proclo, este trabalho objetiva expor, à luz do pensamento procleano, como se dá a constituição da realidade, já que, para o referido pensador, tudo participa de uma mônada absolutamente simples e que não pode gerar nada diferente de si mesma. Logo, fica a questão: Como é possível que a realidade, que se apresenta como múltipla e diversa, possa advir de um único princípio que é incapaz de dar origem a algo diferente de si mesmo?

³ É atribuído a Amônio Sacas o papel de fundador do neoplatonismo. Porém, Amônio Sacas nada escreveu e por esta razão o nome mais conhecido, quando se fala em neoplatonismo, é o de Plotino. Este, pelo testemunho de seu discípulo Porfírio, sabe-se que foi o principal herdeiro de Amônio Sacas.

⁴ Sobre a unidade destas três correntes no neoplatonismo, ver: BEZERRA, Cícero Cunha. *Compreender Plotino e Proclo*.

⁵ Sobre o Livro das Causas e a busca por seu autor, ver: COSTA, Cristina D'Ancona. *Recherches sur le liber de causis*.

I. Origem dos seres em uma causa única.

A problemática que envolve a constituição da realidade é algo que perpassa toda a história da filosofia, desde os primeiros filósofos e sua busca pela *'arkhé'*, até a atualidade, que se utiliza de instrumentos da física moderna. No período medieval é possível encontrar diversas explicações para a origem e constituição da realidade, seja através da explicação judaico-cristã de um mundo criado por Deus a partir do nada, seja de um misto de Deus (ser) e nada, como é o caso da filosofia agostiniana, seja de influências platônicas e/ou aristotélicas. Não importa – na filosofia grega ou no que é denominada como filosofia cristã – qual posição se assuma diante dos graus da realidade, a existência da esfera sensível e inteligível é sempre algo a ser analisado. Neste sentido, Proclo, no séc. V, mediante a divisão do Universo em hipóstases e a forma com que estas hipóstases são identificadas, pôde ajudar a compreender como surge a esfera sensível⁶ a partir do inteligível e quais leis governam esta passagem.

Na filosofia procleana, a existência é organizada a partir de um sistema triádico, seja na perspectiva das hipóstases que compõem o universo (Divina, Inteligível e Psíquica⁷), seja a partir do desdobramento das mônadas originárias, que se dá através do movimento de processão, ocasionando a multiplicação de uma ordem. A multiplicação ocorre na medida em que o princípio originário, por superabundância, dá origem a seres semelhantes a si mesmo. Tais seres, por sua vez, dão origem a outros que são semelhantes a

⁶ Caracterizado por sua multiplicidade.

⁷ A divisão da realidade incorpórea em Uno, *Noús* e Alma é algo constante no neoplatonismo. Tal divisão é primeira mente encontrada em Plotino (204 - 270 d.C) e encontra respaldo em todo o neoplatonismo pagão, ainda que depois de Jâmblico (245 - 325 d.C), alguns elementos sejam introduzidos neste sistema.

eles, mas cada um com sua razão de ser. A processão é seguida por um movimento de retorno, que tem seu ponto de partida no último ser gerado. Contudo, o retorno só é possível pela permanência do produto no produtor, ou do produtor no produto. A permanência, por sua vez, só é possível devido à semelhança, pois só a semelhança possibilita uma comunicação ininterrupta entre causa e causado.

Assim, todo o desenvolvimento das hipóstases e ordem que conduz à relação entre elas são regidas por leis invioláveis. Leis que envolvem: o movimento que dá origem aos seres, o grau de perfeição destes seres, de bondade, de semelhança e dessemelhança, de produtividade e de constituição. Porém, tudo tem seu ponto de partida em um princípio que só pode ser caracterizado, de forma positiva, como uma unidade absoluta, dado que todas as outras predicções só podem ser feitas à Unidade por meio de negações ou analogias. Ou seja, tudo tem seu ponto de partida no Uno, cuja que indescritibilidade Proclo faz perceber em seu hino aos deuses:

1 Hino a Deus

Ó tu, acima de tudo. De que outro modo é justo cantar-te?
Como devo louvar-te a ti que és superior a tudo?
Como pode a palavra exaltar-te? Tu, com efeito,
não é compreensível por nenhum pensamento.
Tudo quanto fala e não fala Te chama;
Tudo que pensa e não pensa Te louva;
Em torno de Ti se reúne o desejo, a dor de todos os seres.
Tudo Te adora, canta um hino silencioso, reconhecendo
os Teus vestígios
De Ti tudo se originou; só Tu, porém, não tens causa;
em Ti tudo permanece, a Ti tudo ocorre;
E Tu és o fim de tudo; Tu és Uno e tudo,
Não sendo nem Uno nem tudo.
Tu que tens muitos nomes, como Ti chamarei a Ti,
O único inominável
Que espírito celeste penetrará no teu supraluminoso interior?
Sê benévolo!
Ó Tu, que estás acima de tudo! De que outro modo é justo
cantar-Te. (REEGEN. 2011, p. 21).

O princípio de todos os seres é, portanto, uma Unidade absoluta que é sempre semelhante a si mesma. Tal unidade de nada necessita, mas é necessitada por todos, por ser causa de todos os seres. O princípio originário é uma Unidade, porque na filosofia procleana não se pode conceber nada antes da unidade, já que: “*Tudo o que existe procede de uma só causa, a causa primeira*” (PROCLO. Proposição 11. Tradução nossa). Rejeitando qualquer possibilidade dos seres terem uma origem anterior ao Uno, Proclo argumenta que se os seres não se originassem no Uno só restariam três possibilidades: 1- todas as coisas seriam incausadas; 2- Toda existência seria limitada, de modo que a ordem de causalidade seria circular; ou, 3- A processão seria *ad infinitum*. Todavia, as três possibilidades são refutadas, pois se os seres fossem incausados, não haveria ciências, já que a ciência é posta como o conhecimento das causas. A possibilidade das causas circulares é descartada com base na superioridade do produtor diante do produto⁸ e da ordem de anterioridade e posterioridade de geração. Admitindo a tese de causas circulares, um ser seria superior e inferior à sua própria causa, o que é impossível. A existência da ciência é o que inviabiliza, também, o número infinito de causas, devido à impossibilidade de conhecer coisas infinitas.

Assim, uma vez que as coisas não podem ser incausadas, a causa não se converter ao seu efeito e a processão ao infinito ser rejeitada, tem-se que admitir que há uma causa primeira da qual, como de uma raiz, todos os seres procedem, uns estando mais próximos da causa e outros mais distantes. Que o princípio deve ser único está demonstrado, pois qualquer multiplicidade existe posterior ao Uno. (PROCLO. Proposição 11. Tradução nossa).

II. Leis que regem o desenvolvimento das hipóteses e suas consequências.

Provada a origem da multiplicidade na unidade, pode-se tratar da primeira lei que rege toda processão, tal lei é expressa da seguinte forma: “*Toda*

⁸ Uma das leis invioláveis da filosofia procleana.

causa produtora dá existência a coisas semelhantes a si mesma.” (PROCLO. Proposição 58. Tradução nossa). No entanto, ao passo que se tem a primeira lei, se tem, também, a primeira aporia. Ora, se tudo tem sua origem em uma unidade que é sempre semelhante a si mesma e que, pela regra da primeira lei, não pode dar origem a algo diferente de si, como surge a pluralidade de seres existentes? Para responder esta questão é necessário compreender o papel dos princípios *Limite e Ilimitado*.

Limite e Ilimitado são identificados como os responsáveis pela geração de tudo o que existe. De maneira que tudo o que tem existência depois do Uno vem a ser um composto de limite e ilimitado. Os dois princípios são responsáveis pela produção do Ser. Sobre o Limite e o Ilimitado, Pablo Maurette afirma: “*O limite é causa de tudo aquilo que é estável, uniforme e que se mantém em seu ser, enquanto o ilimitado é o ponto de partida da geração, é o princípio da multiplicidade.*” (MAURETTE, 2004, p. 157). Torna-se claro, então, que o Limite é princípio de unidade, enquanto o Ilimitado é manifesto como princípio de multiplicidade. Mas como isto se dá?

É necessário, antes de analisar como os princípios estão nos seres, entender o que é *o Limite e o Ilimitado*. Ademais, a obra *Elementos Teológicos* é clara ao identificar o Limite ao princípio de unidade⁹ e é sabido que o princípio de toda unidade, de toda unificação, é o Uno. Na proposição 92 é dito que a *Infinitude/Ilimitado* não é o primeiro princípio, porque o primeiro é o Bem e a Unidade; à vista disso, Reale afirma: “*depois do Uno, toda causa é um misto*” (REALE. 1994, p. 589). Pode-se, portanto, inferir que o Limite se identifica com a unidade, enquanto o Ilimitado, com a potência de produção, a indefinição, sendo a primeira manifestação do Uno. Ele é o princípio da multiplicidade, por ser potência geradora. Assim, depois do Uno, tudo o que existe é uma mistura de Limite e Ilimitado, dado que a primeira coisa gerada é

⁹ Proclo. Proposição 89.

o Ser que, por ser uma unidade, possui limite, e por ser a maior potência geradora depois do Uno, ilimitado. Logo, tudo que deriva do Ser é uma mistura. Cícero Cunha Bezerra, acerca da tríade Ser, Limite e Ilimitado, afirma:

[...] o Limite é o princípio da identidade e, ao mesmo tempo, da diferenciação que faz brotar a nulidade de cada coisa em relação à outra. Em troca, o Ilimitado é compreendido como a indeterminação, bem como a potência geradora pela qual o múltiplo se exterioriza. [...] O que significa que por meio da mistura (*miktós*) entre limite e ilimitado chegamos à noção de ser inteligível e também à primeira tríada. (BEZERRA. 2006. p. 121).

A primeira tríade a qual Cícero se refere é a do Ser, Vida e Intelecto. A organização desta tríade guarda em si a segunda lei: “*Todo princípio que é causa de um maior número de efeitos é superior ao que tem um poder limitado a um menor número de objetos*” (PROCLUSO. Proposição 60. Tradução nossa). Obedecendo a tal lei dos elementos que compõe o *Noús*, o Ser é quem está mais próximo do Uno. Por estar mais próximo do Uno e possuir participação maior nos dois princípios, ele é causa de tudo o que existe depois da Causa Primeira, o que pode ser facilmente evidenciado quando se observa que a influência do Ser se estende a mais elementos que a influência da Vida e do Intelecto.

Logo abaixo do Ser está a Vida, pois ela exerce influência sobre um número maior de elementos que o Intelecto e sobre um menor número que o Ser. Após a Vida está o Intelecto, princípio que, dos três, é quem possui uma influência mais breve, alcançando poucos seres do mundo do devir. A extensão da influência do Ser, Vida e Intelecto pode ser constatada quando se observa que aquilo que dispõe de inteligência, dispõe, necessariamente, de vida e intelecto. Aquilo que possui vida pode não ser inteligente mas, além de vivo, é um ser, um ser vivente. Aquilo que possui ser pode ser destituído de vida e inteligência, mas se o Ser for dele retirado, não possuirá nem vida e nem inteligência.

A primeira tríade está no plano do inteligível e, por isso, é necessário que seja unificada, visto que Ser, Vida e Intelecto, cada uma destas mônadas, detém as outras duas, mas cada uma em seu modo próprio. Assim, o Ser possui vida e intelecto de modo essencial, a Vida possui ser e intelecto de modo vital e o Intelecto possui ser e vida de modo intelectual. A primeira tríade (Ser, Vida e Intelecto), a princípio, parece ir contra a primeira lei que defende que o produtor não pode gerar nada diferente de si mesmo, pois, ao que parece, o Uno deu origem ao Ser, que deu origem à Vida e esta, ao Intelecto. Entretanto, a contrariedade é somente aparente, já que na filosofia procleana existem três tipos de seres que compõem uma ordem e cada ordem é originada do último termo da ordem precedente. Consequentemente, toda ordem tem um ser não-participado, um participado e um participante. Implicando no primeiro termo de toda ordem, o não-participado, estar diretamente associado ao último da ordem anterior. Ou seja, o Ser deve ser divino por estar mais próximo do Uno, sendo responsável por dar da sua própria substância, a fim de constituir a sua ordem. Seguida do Ser divino está o Ser somente ser que, por sua vez, procede do Ser participante, que tem como característica ser um Ser vital. O Ser vital é o último termo da ordem dos Seres e o primeiro da ordem Vital, ou seja, é a vida não participada da nova ordem. Nesta perspectiva, a ordem progressiva existente entre Ser, Vida e Intelecto não contraria a lei da semelhança entre produto e produtor. A sucessão que faz proceder novas ordens é válida para todas as hipóteses.

As hipóteses são resultado da primeira manifestação do Uno, ou seja, da ação do Ilimitado. Entretanto, o movimento de processão não pode ser o único, sob pena de uma progressão *ad infinitum*. Assim, o movimento de geração é composto por três etapas indissociáveis, posto que, se só houvesse processão, a multiplicidade seria dessemelhante ao princípio que lhe deu origem, pois não haveria nada que unisse o produto ao produtor, os tornando

diferentes e separados. Mas a semelhança leva à unificação, sendo característica do produto a permanência no produtor; eis o segundo momento do movimento: a permanência. Todo produto permanece no produtor devido à semelhança com ele. Tal semelhança se dá pela obrigatoriedade do produtor de originar algo semelhante a si mesmo, tendo como consequência a necessidade de retorno, haja vista o produto, por ser semelhante ao produtor, sentir a necessidade de retornar à sua causa. A semelhança é, pois, algo fundamental, sendo por ela que o produtor dá origem ao produto e o produto permanece em seu produtor, desejando retornar a ele. Desta forma, é o desejo que leva o ciclo do movimento a se completar, de modo a manter cada ser em sua ordem.

Na terceira lei é assegurado que “*toda causa produtiva é superior ao que ela produz*” (PROCLO. proposição 7. Tradução nossa). Para Proclo, um ser que dá origem a outro não pode ser inferior ao ser originado. Ele entende que, se um ser pode gerar algo superior, pode fazer de si mesmo superior. O produtor também não pode originar algo semelhante a si, já que, se isso fosse possível, aquilo que fosse gerado pelo produtor seria igual a ele, haja vista potências iguais darem origem a efeitos iguais e, se os efeitos são diferentes é porque as potências também o são. É justamente na diferença de potencialidade que reside a dessemelhança entre produto e produtor, dado que suas substâncias são *a mesma*. Portanto, a multiplicidade nasce de uma diferença de potencialidade. Uma imagem para exemplificar o que ocorre no surgimento da multiplicidade, mediante a progressão a partir da unidade, é o que ocorre com as cores. Visto que, se todas fossem colocadas, com todas as suas tonalidades, uma do lado da outra, seria extremamente difícil identificar onde começa uma e termina a outra, devido ao fato delas mudarem gradativamente de tonalidade até chegar à outra cor. Semelhantemente ocorre com a multiplicação dos seres. A manifestação de suas características mudam gradativamente de acordo com a diminuição da potencialidade.

É pela potencialidade que se tem a hierarquia de mais três características: a da perfeição, bondade e unificação. A evidência da identidade entre perfeição, bondade e unificação ocorre quando Proclo assegura que se tratam da mesma coisa. Como no grau de potencialidade, no de perfeição, bondade e unificação o superior é aquele que está mais próximo do Uno. Mesmo que o produtor dê do seu ser ao produto, ele produz sem perdas, pois o produtor, ao dar existência a outro, permanece como está. Todavia, os únicos seres que são verdadeiramente imóveis são as mônadas imparticipadas, os primeiros seres de cada ordem, uma vez que elas não produzem nem por movimento intrínseco nem por movimento extrínseco. Porém, faz parte da existência dessas mônadas o produzir, de modo que o fazem perpetuamente porquanto não cessa nunca sua capacidade de produzir e dar subsistência a outros seres.

É por produzir perpetuamente que as mônadas originárias são perfeitas. Mas, com a processão, o ser imóvel dá existência a um ser móvel por si mesmo que, por ser automotor, é auto-constituído. Uma vez que está mais próximo da sua causa, do ser imparticipado, tem em si sua própria perfeição, mas não a tem como parte de sua essência, senão por participação. O ser que é móvel por si, mesmo sendo inferior ao imóvel, possui uma potência geradora que dá origem a um ser que, mesmo passível de movimento, não pode se mover por si mesmo. Estes seres são os seres movidos extrinsecamente ou *móveis-por-outros*. Deste modo, toda série é composta por três elementos, no qual há sempre um para intermediar os extremos.

III. A hierarquização: da constituição e ordem das hipóstases.

Até aqui foi demonstrado a necessidade da anterioridade do Uno e dos princípios que dão origem à primeira tríade inteligível. Entretanto, o Uno e a tríade inteligível fazem parte de hipóstases diferentes. A tríade inteligível

constitui a segunda hipótese, de maneira que seus três elementos (Ser, Vida e Intelecto) compõem a esfera do *Noûs*. Esta hipótese tem como característica a inteligência, vindo a ser dupla, pois:

Dois pontos de vista são manifestos nela: um sujeito que conhece e um objeto conhecido; um sujeito eternamente em repouso, pois a inteligência é sempre idêntica a ela mesma; um objeto eternamente móvel, pois as concepções da inteligência são infinitamente variadas; a inteligência é, então, ‘una’ e ‘múltipla’. (BERGER. 1840, p. 19. Tradução Nossa).

O *Noûs*, ainda que imóvel, é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto de seu próprio conhecimento. Por ter um caráter duplo, foge da unidade indissociável que existe no Uno. Porém, não é possível, pelas leis já expostas neste trabalho, passar do Uno ao *Noûs* sem a interferência de um intermediário. Mas, já foi visto que Ser, Vida e Intelecto fazem parte da esfera do *Noûs*, não podendo ter um papel intermediário entre as hipóteses divina e inteligível. Deste modo, a origem da multiplicidade e diversidade a partir da unidade, foi tão somente constatada. Todavia, ainda se faz necessário explicá-la. Tal explicação só é possível por meio das *Hénadas* – unidades unificadoras – que são próprias da filosofia procleana. São elas as responsáveis pela comunicação entre Uno e *Noûs*. Logo, é por elas que o movimento de processão, que dá origem a multiplicidade, pode ser explicado.

Quando se fala em hipóteses¹⁰, são as *Hénadas* as responsáveis pela comunicação entre a esfera do Uno e do *Noûs*. As *Hénadas* são extremamente semelhantes ao Uno, ainda que sejam muitas. Elas são semelhantes a si mesmas e entre elas, de forma que não há pluralidade quando se trata das *Hénadas*. Proclo as compara com os deuses, de maneira que as que estão mais próximas do Uno são identificadas como deuses incognoscíveis, inomináveis e

¹⁰ Pois quando se fala de potência, são os princípios de Limite e Ilimitado que possibilitam a geração dos seres. Mas só as *Hénadas* fazem o papel de intermediárias entre a primeira e a segunda hipótese, sendo com elas que ocorre a participação dos seres no Uno.

imparticados, assim como o Uno. Neste sentido, Berger esclarece a natureza e semelhança das Hénadas ao afirmar: “*Pois as Unidades são diferentes do Uno, são o seu primeiro degrau de desenvolvimento e de comunicação com os Seres, temos que admitir, elas são completamente diferentes de seus produtos, livres de toda mistura*” (BERGER. 1840, p. 28. Tradução nossa). A lei da semelhança segue regendo a processão dos seres, pois, ao passo que as Hénadas têm sua existência diretamente do Uno imparticado, elas dão origem ao Ser Imparticado, a Vida Imparticada e ao Intelecto imparticado, ou seja, é nas Hénadas que o *Noûs* tem sua origem.

Uno, Hénadas e Noûs são imóveis, pois um ser que tem existência a partir de outro imóvel não pode ser dotado de movimento. Desta forma, se tem a questão: Qual a gênese do movimento? Ora, é sabido que o movimento existe, isto pode ser empiricamente constatado, mas de onde ele surge? Há seres que são movidos extrinsecamente, os seres corpóreos; entretanto, Uno, Hénadas e *Noûs* são imóveis. Assim, é indispensável a existência de um intermediário, a Alma. A Alma é responsável pela terceira hipóstase. É nela que o movimento tem início, sendo móvel por si mesma e, portanto, seu movimento, intrínseco. Desta forma, quando ela está em um corpo confere a ele seu movimento. É com a Alma que se tem a comunicação das hipóstases inteligível e sensível, é por ela que os corpos adquirem forma, vida e intelecto. Cícero Cunha Bezerra, em seu livro *Compreender Plotino e Proclo*, expõe a relação entre a esfera inteligível, Alma e mundo sensível da seguinte forma:

Se o Uno enquanto fundamento *supra-essencial* transcende todo ser e todo pensar, o *Noûs* é o espaço onde o inteligível (*noetón*) e o intelectivo (*noéron*) formam uma mesma unidade mediante a identidade entre ser e pensar. O ser é sempre pensamento e o pensamento sempre ser. Logo Ser, Vida e Espírito formam uma tríade que assume a forma: *inteligível, inteligível-intelectivo e intelectivo* [...]. A Alma, enquanto possuidora de razão, participa da vida e do ser; para Proclo é a alma que faz existir todas as coisas posteriores. (BEZERRA. 2006. p. 122-123).

Desta forma, é possível ver que a constituição da realidade se dá por graus de potencialidade, possibilitando a multiplicação da unidade. Neste sentido, a Alma tem um papel fundamental, pois é por meio dela que há a comunicação entre as hipóstases inteligível e sensível, de modo que é através da Alma que os seres sensíveis podem participar dos inteligíveis. Entretanto, é importante ressaltar que todas as leis que foram expostas no decorrer deste trabalho também valem para a hipóstase Psíquica, havendo, portanto, uma Alma imparticipada, uma Alma participada e uma Alma participante.

Considerações finais:

As teses de Proclo aparecem como um sistema que alcançou e fundamentou muitas doutrinas de pensadores que vieram depois dele, fazendo do Bizantino um importante teórico para a compreensão de diversos filósofos. Isto porque a filosofia procleana alcançou não só pensadores de origem pagã, que mantiveram os estudos da própria escola de Atenas. Alcançou, também, pensadores cristãos, como é o caso de Dionísio Pseudo-Areopagita, os árabes, mediante o *Liber de causis* – que se trataria de uma leitura árabe dos *Elementos de Teologia* – além de estar presente no pensamento de Nicolau de Cusa e em Hegel, cuja influência do Diadoco pode ser vista no sistema triádico do alemão, além da tese da necessidade do Espírito Absoluto voltar-se sobre si mesmo, que muito se assemelha ao movimento de processão do Bizantino.

Proclo, embora mantendo os três elementos basilares do neoplatonismo (Uno, Noûs e Alma), introduz no seu sistema uma série de tríades e as Hénadas, pois, diferente de Plotino, não concebe uma passagem abrupta do Uno ao *Noûs*. Muitas das mudanças na forma de encarar a realidade advêm da necessidade de respaldar o paganismo que, no séc. V d.C. estava perdendo espaço para a nova religião, o cristianismo. Assim, a constituição da

realidade em Proclo foi importante não somente para a defesa do paganismo, mas por proporcionar elementos importantes para a compreensão da realidade como um todo. Ou seja, o sistema procleano de hipóstases e a necessidade sentida pelo Diadoco de explicar a superioridade da unidade e a passagem desta à multiplicidade deram aos estudiosos importantes conceitos que atualmente são válidos para a compreensão da totalidade.

Para o Bizantino, três são as leis que regem a processão e, portanto, a passagem das esferas inteligíveis às sensíveis, sendo estas as leis que constituem a realidade: 1- toda causa produtora produz algo semelhante a si mesma; 2- todo princípio que é causa de um número maior de efeitos é superior àquele que é causa de um número menor; e, 3- toda causa produtora é superior ao que ela produz. Tem-se que, é pela semelhança que toda a realidade vem à existência, pois é por ela que o movimento de processão, permanência e conversão se torna possível. Todavia, toda multiplicidade tem sua explicação, mesmo que surja pela semelhança entre produto e produtor, a partir dos princípios Limite e Ilimitado, pois os princípios manifestam as potencialidades do Uno, de modo a fazer com que o produto se determine pela ação do Limite e se manifeste e produza pela ação do Ilimitado. Entretanto, ainda que constituído pelos mesmos princípios que seu produtor, todo produto é potencialmente inferior àquele que o produz, sendo esta inferioridade de potência e a ação dos princípios que levam à diversidade dos seres.

É, portanto, a diferença de potencialidade que leva à diferença dos seres na constituição da realidade. Em Proclo, esta realidade é organizada em tríades, de modo que são três as hipóstases inteligíveis (Uno, *Noûs*, Alma) que tornam possível a existência da esfera sensível, onde a diferença aparece de modo mais acentuado, sendo que é a Alma que possibilita a comunicação entre as duas esferas, agindo como um elemento intermediário e mediador. Assim, é no modo triádico de organizar a realidade que a diferença, ainda que surja da

semelhança, se manifesta, mesmo que tudo tenha origem em uma causa única, a causa primeira, mediante o movimento de processão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Berger. A, *Proclus, Exposition de as doctrina*, Paris: Bibrinebiz de Bourgogne, 1840.

BEZERRA. C.C, *Compreender Plotino e Proclo*, Petropolis, RJ: Vozes, 2006.

COSTA, Cristina D’Ancona. *Recherches sur le liber de causis*. Paris: Librairie philosophique J. VRIN, 1995.

GIBBON. Edward. *Declínio e queda do Império Romano*. Organização e tradução Dero A. Sauders; prefácio Charles Alexander Robinson Jr.; tradução e notas suplementares José Paulo Pais. – Ed abreviada – São Paulo: Companhia das letras, 1989.

MAURETTE. P, El mal y lo ilimitado en la filosofía de Proclo, *Nona tellus*, Vol. 22, Núm. 1, 2004. p. 141-165.

PROCLO, *Elementos de Teologia*, Buenos Aires: Aguilar Argentina, 1975.

SILVA, Francisca Galiléia da. *AFLATUN: Trajetória e características de Platão na filosofia árabe*. Kairós: Revista Acadêmica da Prainha. Fortaleza. v.9, n.1. Jan-Jun: 2012. p. 62-74. Disponível em:

<<http://www.catolicadefortaleza.edu.br/wp-content/uploads/2013/12/4.-Aflatun-trajet%C3%B3ria-e-caracter%C3%ADsticas-de-Plat%C3%A3o-na-Filosofia-%C3%81rabe-Galil%C3%A9ia.pdf>>. Acesso em: 20 de Julho de 2015.

TER REEGEN. Jan G. J, *A mística em Proclo*, Perspectiva Filosófica: A Experiência Humana do Divino, (Revista eletrônica). Pernambuco, v. 1, nº. 35, jun/jul 2011, ISSN 0104-6454, p. 9-24. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/ppgfilosofia/images/pdf/2011.1%20-%20medieval.pdf>>. Acesso em: 29, Maio de 2014.

REALE. G, *História da Filosofia Antiga. Vol. IV*, São Paulo: Loyola, 1994. – (Série História da Filosofia). Obra em 5 volumes.

_____, Giovanni. *Plotino e o Neoplatonismo: história da filosofia grega e romana – vol. III*. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2008.